

**A LIBRAS E AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS:
CONHECENDO O MUNDO DAS FANTASIAS**

Magno Pinheiro de Almeida (UEMS/UCG)

mpa_magno@hotmail.com

Nataniel dos Santos Gomes (UEMS)

natanielgomes@uol.com.br

RESUMO

Este trabalho trará um pouco da história em quadrinhos como também estimulará a leitura dos surdos para aquisição da L2 – língua portuguesa, pois a legislação brasileira reconhece a libras como L1 dos surdos numa visão bilíngue, ou seja, a libras é a língua materna e a língua portuguesa é a segunda língua para eles. As tirinhas em quadrinho como é visual estimula um olhar mais preciso dos alunos surdos, levando-os a uma breve imaginação da leitura não verbal para receberem, a seguir, a história sinalizada. Este trabalho será de caráter bibliográfico e os principais teóricos serão: Gomes (2012); Almada & Gomes (2014); Almeida e Almeida (2013) e Quadros (2004).

Palavras-chave: Libras. Quadrinhos. Histórias em quadrinhos. Fantasia. HQs.

1. Os pontos essenciais das histórias em quadrinhos para a inclusão social voltada para a surdez

Trabalhar na educação básica com a inclusão social mostra-se como algo de grande apreço, pois contribuirá no processo de formação da criança, fazendo com que a mesma, dessa forma, venha a se tornar um cidadão crítico e reflexivo. Relativo a isso, a leitura ocupa um papel fundamental no quesito de trabalhar a diversidade, porém um dos grandes problemas encontrados pelos docentes é a questão de conseguir estabelecer uma relação entre a leitura e o aluno. Por isso que os quadrinhos podem ser considerados como uma ferramenta para o professor em sala de aula, pois “vê-se uma relação entre quadrinho e educação, bem mais harmoniosa”. (RAMOS, 2009, p. 13)

Segundo Santos (2003) *apud* Mirais (2009) que foca o processo didático pedagógico nas histórias em quadrinhos:

A linguagem característica dos quadrinhos e os elementos de sua semântica, quando bem utilizados, podem ser aliados ao ensino. A união do texto e desenho consegue tornar mais claros, para a criança, conceitos que continuariam abstratos se confinados unicamente a palavra. (MIRAIS, 2009, p. 04).

Observamos na fala de Santos (2003), que as histórias em quadrinhos é um forte aliado para o ensino já que os desenhos conseguem atingir a clareza mais profunda das crianças, embora que muitas vezes esse final não poderá ser feliz, mas exigirá uma visão maior dos acontecimentos, ligar os fatos com as imagens, para seguir uma sequência, narrativa. Ramos (2009) diz que quadrinhos são quadrinhos, assim, configura de uma linguagem autônoma para representar os elementos narrativos.

Para Almada e Gomes (2014):

É no interior dos quadrinhos que está o espaço da ação, quando comparamos um quadrinho e o seu quadrinho interior percebemos a movimentação do tempo da ação; este pode se também condensado em um único quadrinho; os personagens podem ser visualizados e seus diálogos em forma de discursos diretos, alojados em balões que dependendo do seu formato e apêndices (biquinho que origina o balão), expressam o sentimento do locutor.

Mirais (2009) explica que, as histórias em quadrinhos é um gênero textual que dá ênfase ao visual, e que os alunos se interessam com mais facilidade, em sua obra ela elege as histórias em quadrinhos por considerar que seu uso é essencialmente importante para o aluno surdo, principalmente nos anos iniciais do processo ensino/aprendizagem, propiciando o fortalecimento do hábito e do prazer de ler e o desenvolvimento da modalidade escrita do português.

Seguindo a ideia de Arantes, Leandro e Gomes (2013), segue a explicação em relação a atitudes:

Graças a atitudes como essa cria-se um novo conceito a favor da imagem dos quadrinhos e sobre sua utilização na sala de aula, pois as histórias em quadrinhos exibem-se como um material de forte uso para mostrar aos alunos uma forma diferente de enxergar a inclusão social e porque não dizer que o mesmo incentiva a leitura. (MIRAI, 2009, p. 613)

Constatamos a aplicabilidade das histórias em quadrinhos para a inclusão e para os surdos, pois levantam as informações implícitas, construindo, desse modo, inferências sobre o texto (ORLANDI, 2008). Os surdos ao desenvolverem a leitura dos quadrinhos terão facilidades em ligar ao fato com a escrita em língua portuguesa.

Portanto, entendemos que a surdez pode ser vista por uma experiência visual que proporciona aos surdos uma grande possibilidade de constituir sua própria subjetividade mediante as experiências cognitivas diversas através de comunicação simbólica, que encontram na língua brasileira de sinais, seu principal meio de concretização para a leitura em

quadrinhos e para chegar à escrita na língua portuguesa. A seguir vamos entender que a libras é a língua mãe dos surdos.

2. A libras como L1 para os surdos

A libras (L1) é a língua materna do aluno surdo, desta forma assim como a língua portuguesa, segundo Brito (1995), possui padrões e regras a estrutura da libras é constituída de parâmetros primários e secundários como configuração de mãos, ponto de articulação, movimento e disposição das mãos, orientação de contato, expressões faciais e corporais.

Segundo Almeida e Almeida (2014), diz:

Três são seus parâmetros principais ou maiores: a configuração da(s) mão(s) – (CM), o movimento – (M) e o ponto de articulação – (PA); e outros três constituem seus parâmetros menores: região de contato, orientação da(s) mão(s) e disposição da(s) mão(s). (ALMEIDA & ALMEIDA, 2014, p. 44)

Tratando-se da língua portuguesa como segunda língua, ou seja, a **L2**, para este aluno é necessário a princípio entender os parâmetros da **L1** a libras, como veremos a seguir: as mãos podem ser configuradas em dactilologia (alfabeto manual) os empréstimos linguísticos ou outras formas feitas pela mão predominante (mão direita para destros ou esquerdos para os canhotos), ou pelas duas mãos; o ponto articulador da **L1** é o lugar do corpo onde será realizado sinal, como rosto e corpo; o movimento na língua materna do aluno surdo o deslocamento da mão no espaço, durante a execução do sinal, podendo ser unidirecional, bidirecional e multidirecional sendo ainda movimento retilíneo, helicoidal, circular, semicircular, sinuoso e angula; todo sinal tem uma orientação que é a direção na execução deste em relação aos parâmetros; a expressão facial é de fundamental importância para o entendimento do que está sendo transmitido pelo surdo que assim como a expressão corporal ajuda a fazer com que o sinal transmitido seja claro.

Conforme Brito (1995), que faz uma ressalva em relação às configurações de mãos e o empréstimo linguístico do alfabeto manual:

É um recurso do qual se servem os usuários das línguas de sinais para os casos de empréstimos vindos das línguas orais, consistindo-se de um alfabeto manual criado a partir de algumas configurações de mão(s) constituintes dos verdadeiros sinais. (BRITO, 1995, p. 29).

A língua brasileira de sinais libras é a língua oficial dos surdos

brasileiros e obteve seu reconhecimento por meio da Lei 10.436/2002 e reconhecida pelo Decreto 5626/2005, aprovada e sancionada pela organização político-institucional brasileira. Usa-se a língua de sinais, como meio de comunicação e como língua de instrução, precisa-se ser implantadas nas escolas (públicas ou privadas), universidades, instituições, empresas e nos meios sociais para propiciar a interação entre surdos e ouvintes e essa proposta de trabalho foi chamada de bilinguismo. (GUIMARÃES & ALMEIDA, 2013)

Segundo Pereira e Nakasato (2014), explica em relação ao bilinguismo e a libras como primeira língua:

O bilinguismo propõe o uso de duas línguas na educação dos surdos: a língua de sinais como primeira língua, e a língua majoritária (a língua portuguesa, no caso dos surdos brasileiros), como segunda língua, no sentido de que a sua aquisição vai ser dar com base na primeira língua. No Brasil, o direito dos alunos surdos a uma educação que contemple as duas línguas – de sinais e a língua portuguesa - é garantido pelo Decreto nº 5626, de dezembro de 2005. (PEREIRA & NAKASATO, 2014, p. 93)

Contudo, nas escolas a língua de sinais dar-se-á por meio da interação entre pessoas surdas e entre professores e alunos surdos e entre seus colegas, essa interação não será diferente entre a sociedade. A busca por uma escola bilíngue ultrapassa os limites da mera existência do intérprete em sala de aula, mas se constitui em um ambiente em há uma convivência entre as duas línguas: a libras (L1) e a língua portuguesa (L2) para o surdo.

3. *Imagens sinalizadas dos personagens em quadrinhos*

Ao apresentar a proposta das histórias em quadrinhos, como estratégia de ensino da língua portuguesa para alunos surdos observou-se que nesse processo a língua brasileira de sinais (libras) é fundamental, bem como o apoio visual que as histórias têm, que se adéqua ao público alvo os surdos. Segundo Almada e Gomes (2014):

Não se ama um herói pelos seus poderes, mas pela sua dor. Nossos olhos podem até voltar a eles por suas habilidades fantásticas, mas é a humanidade que eles crescem dentro do gosto popular, que faz dos quadrinhos uma das maiores representações da cultura popular classificada como cultura de massa. (ALMADA & GOMES (2014, p. 83)

Segundo a vertente de Almada e Gomes (2014), os autores em seu artigo citam alguns exemplos de personagens que representam uma minoria social e é de grande importância a influência desses personagens

com a necessidade da inclusão social. O personagem que mais chama atenção na obra dos referidos autores que exemplifica o processo de inclusão é o Professor Charles Xavier:

Professor Charles Xavier é um grande líder, sua magnificência intelectual faz dele o líder do X-man, sua idealização de um dia, os pilares nos quais devem ser pautados os princípios de uma sociedade que valoriza o respeito a diferenças. (ALMADA & GOMES, 2014, p. 87)

Mauricio Souza também foi importante para o processo da inclusão social, um dos exemplos mais claro foi o personagem Umberto, considerado pelo cartunista deficiente auditivo e funcionava como elo para divulgar a diferença entre a sociedade.

Novamente Almada e Gomes (2014) explicam:

Umberto, um personagem bem conhecido, é um deficiente auditivo. Umberto foi o primeiro personagem de Maurício de Souza, com a marca da deficiência. Embora não tinha grande ênfase, funcionava como um meio de divulgar as diferenças entre pessoas. (ALMADA & GOMES, 2014, p. 93)

Agora veremos os sinais de alguns personagens que poderão ser utilizados em sala de aula como recurso visual para os surdos inclusos na série regular de ensino, as imagens sinalizadas são dos acadêmicos do curso de Letras Libras da UFSC: Ana Paula Jeremias da Matta; Diogo Passig; Gislaiane de Matos; Leonardo Padilha dos Santos; Wellington Jean Farias.





Entretanto, na sala de aula você (professor e intérprete) poderá ousar, ou seja, utilizar o aluno surdo para sinalizar alguns personagens para os quais que ainda não há sinal, assim, terá uma inclusão mais eficaz e eficiente na vida do aluno surdo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMADA, Bárbara; GOMES, Nataniel dos Santos. A questão da inclusão através das histórias em quadrinhos. In: ABRÃO, Daniel; GOMES, Nataniel dos Santos (Org.). *Grandes poderes trazem grandes responsabilidades: refletindo sobre o uso das histórias em quadrinhos em sala de aula*. Curitiba: Appris, 2014, p. 73-103.

ALMEIDA, Magno Pinheiro de. *Língua de sinais x libras: uma abordagem da historiografia linguística*. 2014. Dissertação (de Mestrado). – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campo Grande. Disponível em: <www.uems.br/pgletras/arquivos/2_2014-05-23_18-54-27.pdf>.

GUIMARÃES, Mariuza Ap. Camillo; ALMEIDA, Magno Pinheiro de.

A educação bilíngue: a formação de profissionais. In: FERRO, Olga Maria dos Reis; LOPES, Zaira de Andrade. *Educação e cultura: lições históricas do universo pantaneiro*. Campo Grande: UFMS, 2013, p. 135-149.

ARANTES, Taís Turaça; LEANDRO, Hugo Augusto Turaça; GOMES, Nataniel dos Santos. Trabalhar a inclusão social em sala de aula através das HQs da série X-men. *Revista Philologus*, Ano 19, N° 55. Rio de Janeiro: CiFEFiL, jan./abr.2013 – Suplemento, p. 635-648, 2013. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/revista/55supl/052.pdf>>.

BRITO, L. F. *Por uma gramática de língua de sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/UFRJ, 1995.

MIRAI, Maria Stella. *Produção de história em quadrinhos (HQs) no computador como estratégia de ensino da língua portuguesa para alunos surdos*. Londrina: SEED: Secretária Estadual de Educação do Paraná, 2009, p. 01-21.

ORLANDI, Eni. Pulcinelli. *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos*. 3. ed. Campinas: Pontes, 2008.

PEREIRA, Maria Cristina da Cunha; NAKASATO, Ricardo. Libras como disciplina obrigatória nos cursos de licenciatura e fonoaudiologia. Para que? In: ALBRES, Neiva de Aquino; NEVES, Sylvia Lia Grspan (Org.). *Libras em estudo: formação de profissionais*. São Paulo: FENEIS, 2014, p. 91-108.

RAMOS, Paulo. *A leitura dos quadrinhos*. São Paulo: Contexto, 2009.

SANTOS, Roberto Elísio. A história em quadrinhos na sala de aula. In: CONGRESSO ANUAL EM CIÊNCIA DA COMUNICAÇÃO, 26, 2003, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: INTERCON, 2003.